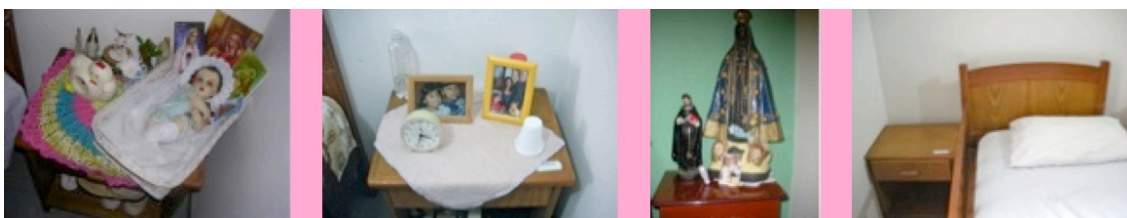


Criados-mudos que falam¹

Rita Amaral

Novo endereço. Nesta manhã, ela acorda voltada para o velho criado-mudo, única peça que podia levar. Em cima, a Nossa Senhora em pedra branca que a acompanha desde menina, a toalinha bordada. No porta-retrato, o sorriso de toda a família debaixo da jabuticabeira. O terço, os óculos, gotas para olhos que lacrimejam, um copo de chá. Alimento e lembrança. Um resumo de si mesma. As coisas essenciais sobre um criado-mudo, que serve, conta e diz.

Mauisa Annunziata²



Este trabalho apresenta a possibilidade da prática de Acompanhamento Terapêutico (AT) em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs).

O AT dedica-se ao cuidado de pessoas cujo sofrimento, agudo ou crônico, justifica intervenções nas atividades cotidianas, nos espaços públicos e privados. O AT é dispositivo clínico que contribui para evitar recidiva de crises e isolamento social. Em algumas circunstâncias, apresenta-se como alternativa a internações psiquiátricas.

A institucionalização não significa simplesmente a mudança de espaço físico. No novo lugar, os idosos têm que conviver com pessoas desconhecidas, hábitos e maneiras de viver os mais diversos. Afirma Goffman (apud Souza e Brasil, 1961) que “as pessoas entram na instituição com uma cultura prévia e têm um estilo de vida e uma rotina de atividades diferentes até a admissão na instituição”.

¹ Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Acompanhante Terapêutico. UNIP, São Paulo, 2012.

² Pedagoga, poeta e cronista.

A partir daí grande mudança. Sofrem sentimento de perda de intimidade e domínio do espaço, por não estarem mais na própria casa. Cortelletti (2004, p.18) comenta:

Nas instituições asilares o institucionalizado vive em espaço fechado, realizando as mesmas atividades com o mesmo grupo de pessoas, no mesmo horário, atendendo às exigências institucionais e não às pessoais, sofrendo assim a restrição de outras vivências externas.

Esses locais, apesar de o quarto ser espaço coletivo, incluem o privado e a privacidade. Compartilhar o espaço de seu quarto com alguém que não se conhece é um desafio. Os sujeitos têm na bagagem a história de vida, e de certa forma procuram se adaptar às novas condições, do ponto de vista das regras da instituição e do estabelecimento de convivência entre seus pares.

Em algumas instituições, o que resta de espaço de intimidade são somente as camas, em quartos duplos, triplos ou pavilhões. Roupas, sapatos e objetos que compõem sua bagagem devem ocupar um espaço de duas portas de um armário e um criado-mudo. O que se leva para a instituição?

Esse é o momento em que se elege o que se mantém por mais um tempo ou se separa dele. Tudo isso faz parte do conjunto de rupturas de pertencimento no momento da institucionalização. Faleiros e Morano (2009, p.323) abordam as semelhanças entre a casa que se deixou e a casa para onde se mudou, e inferem:

De fato, a casa e a instituição podem ter semelhanças em alguns detalhes, como nos quartos, mas a construção da identidade, tanto em casa como nas instituições, passa por processos múltiplos de trocas sociais, que não são exclusivamente determinadas pela ordem dominante, mas pela vivência contraditória e experiências de mediações na relação com a alteridade.

O mesmo autor assinala que “o trabalho da identidade é complexo, passando por mediações particulares e singulares com os conflitos sociais mais amplos e mais complexos” (2006, p. 64). Citando Hall (2004) Faleiros (2009, p.323) assinala que “O significado que as pessoas dão para si mesmas não é estável e se articula nessa relação interior/exterior”.

Continuamos a ser as mesmas pessoas, carregamos conosco nossa identidade, mas mudamos de espaço. A expectativa da nova forma do morar e a insegurança do estabelecimento de relações de amizade são sentimentos que acompanham os institucionalizados.

Desde 2002, atuo com idosos em espaços asilares. Inicialmente trabalhando como voluntária e a partir dessa ação construí um trabalho de intervenção com os residentes institucionalizados.

No contexto institucional, um detalhe começou a chamar a minha atenção: a forma como os criados-mudos eram arrumados e/ou enfeitados. Minha lembrança mais remota sobre a importância e o lugar dos criados-mudos aconteceu há alguns anos. Em uma das instituições na qual trabalho, os residentes admitidos são fotografados por mim.

Muitos dos residentes são analfabetos, e a instituição coloca a fotografia do residente em uma moldura na porta do quarto para facilitar sua identificação. Os quartos são numerados e se localizam em um grande corredor. Quando fui buscar uma residente (que havia acabado de se mudar) para ser fotografada, ela começou a descrever as peças dispostas em cima do seu criado-mudo.

O Menino Jesus tinha sido presente de um vizinho gesseiro. Ela contou que seu marido era serralheiro e os dois homens tinham trocado favores, fato ocorrido fazia 45 anos. Nunca mais ela e a imagem do Menino Jesus se separaram.



Como se observa, a imagem foi vestida com roupinhas de crochê. Considero-o um criado-mudo inspirador, pois a partir desse encontro passei a perceber a importância que representam para os idosos institucionalizados, e quando se desvelam algumas brechas de intimidade desses sujeitos. Debert (1999, p.115) ressalta:

As camas e os criados-mudos são uma espécie do que Goffman (1961) chamou de 'estojo de identidade', adornados com bibelôs, porta-joias, fotos, potes de perfumaria.

Em algumas instituições mais sofisticadas, idosos de poder aquisitivo elevado ficam acomodados em quartos individuais, e levam para a instituição o próprio mobiliário. É uma situação privilegiada, pois ficam cercados de objetos e/ou móveis que o acompanharam durante sua vida, e o ambiente se apresenta mais familiar. Em uma das instituições privadas conversei com uma das residentes sobre seus móveis de sala, pois a família havia "desmontado" sua casa, e os móveis haviam sido ali acomodados temporariamente. Ela disse: "Gosto de ficar aqui entre os meus móveis. Tenho a sensação que ainda estou na minha casa". Sensação infelizmente fugaz, pois logo o espaço foi transformado.

Com muita frequência, sou depositária de ressentimentos, pois diversos idosos verbalizam que "esta não é a minha casa, a minha casa é lá [...]"; ou "estou aqui temporariamente nesta clínica, até eu melhorar [...]".

Oliveira (2010, p.88) menciona que "desenvolver uma escuta e olhar sensíveis na observação do cotidiano nos coloca diante de um trabalho, de uma experimentação necessária, pois, concordando com Teves (1992) [...] o olhar e

não o olho que informa a existência mundana das coisas. Isto quer dizer, o olho é natural, o olhar é socialmente desenvolvido”.

Fui percebendo a importância deste trabalho à que os sujeitos institucionalizados se revelavam ao relatar como organizam os pertences, indicando que os criados-mudos são representações de marcos identitários dos sujeitos que ali estão. Seria do mesmo modo uma forma de apresentação: quem sou eu?

Bauman (2004, p. 19) afirma que “[...] as identidades flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas à nossa volta. Essas identidades se abrem como uma cortina que vamos aos poucos conhecendo, descobrindo”.

Segundo uma definição clássica “criado-mudo” - ou mesa de cabeceira - é uma pequena mesa que fica ao lado da cama, que pode ter gavetas, no qual são colocados objetos variados, o que facilita às pessoas que estejam deitadas o seu acesso. Sobre o criado-mudo geralmente é colocado um abajur, de forma a permitir luz adequada à leitura, e o despertador, entre outros objetos. A origem do termo brasileiro, ‘criado-mudo’, se deve ao fato de que a mesa de cabeceira serve como apoio auxiliar, com objetos necessários e significativos. Tal função era cumprida, no passado, por mordomos e criados entre pessoas ricas. Por ser um objeto inanimado, e ter utilidade prática equivalente à de um mordomo, é chamado de criado-mudo.

Este trabalho, que revela como os sujeitos institucionalizados organizam seus pertences nos criados-mudos, indica que eles não são mudos, mas falam simbolicamente por meio dos objetos ali expostos.

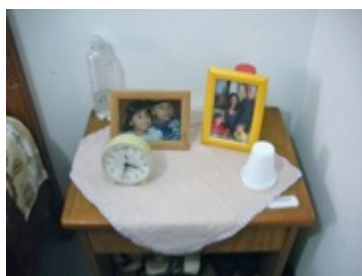
Fotografamos criados-mudos em quatro ILPIs, na cidade de São Paulo e Guarulhos. Os proprietários descreveram o que escolheram e justificaram o motivo de alguns objetos ali estarem depositados. São objetos âncoras de memória e de identidade (Graeff, 2009). A escuta e o olhar diferenciado estão registrados em narrativas que contam a história de cada um.

Durante esse período que trabalho em ILPIs desenvolveu-se entre mim, os residentes e a instituição um vínculo de confiança. Quando me propus a olhar, fotografar e conversar com os donos dos criados-mudos primeiramente comuniquei minha intenção aos responsáveis das instituições para me autorizarem a fazê-lo. Após esse consentimento, procurei os idosos e expliquei qual era o objetivo do meu trabalho, e para isso acontecer precisaria da cooperação de todos, autorizando-me a entrar no quarto, fotografar o criado-mudo e escutar de cada um o motivo de aqueles objetos ali estarem. Não encontrei nenhuma resistência da parte dos residentes; ao contrário, foram muito acessíveis, e percebi que gostaram de ser escutados, sendo que alguns estenderam o relato além da proposta inicial.

Sobre a escuta, Alonso (1988, p.20) assinala:

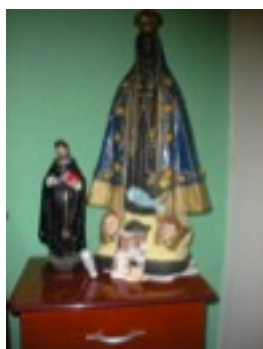
A escuta adquire um lugar central na psicanálise por ser esta uma coisa de palavras, ditas ou silenciadas. Palavras que enganam, mas que abrem um acesso à significação. No entanto, a psicanálise, ao inaugurar o campo da escuta, produz uma verdadeira ruptura epistemológica concernente ao pensamento psiquiátrico do momento [...] O “escuta” escuta os ruídos que vêm de fora e também o silêncio que se incorpora ao campo da positividade. Se o silêncio não diz diretamente nada, algo nele se insinua, e quem escuta atentamente recebe as pegadas, as marcas que adquirem forma no momento em que germinam as palavras, ainda que estas, também enganadoras, portem em si o silenciado. É desde então que o exercício da suspeita se torna presente porque há um a mais do que o dito para ser escutado.

Apresento a seguir alguns criados-mudos e o relato registrado do dono ou dona:



Estas fotos estavam numa cômoda grande na minha casa, e eu agora pus no criado-mudo. São do meu sobrinho que minha mãe criou e da esposa e dos filhos deles. As crianças são as mesmas no segundo porta-retrato. Eu gosto de despertador de corda. Pra que pilha? Acaba, e depois? (...) A garrafa de água porque eu tenho sede à noite. Na mesa este Santo Antônio eu ganhei da minha prima. Ela me deu para eu casar, mas ele falhou... há 65 anos, e não casei. Graças a Deus ninguém me prendeu! O Santo Antônio outro era da minha mãe. (C, mulher, solteira, 85 anos).

Notei que os idosos queriam estender o tempo para mais detalhes sobre as histórias que contavam. Fui acompanhada nos quartos por outros residentes que se interessaram em ver como cada um dispunha seus pertences.

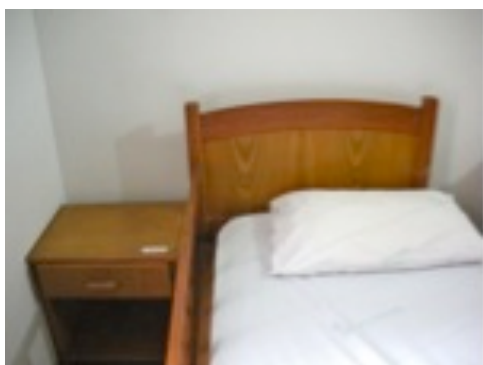


Esta Nossa Senhora Aparecida está comigo há mais de 30 anos. Uma vez eu fui em Aparecida do Norte e comprei três imagens, dei uma para minha irmã, outra para minha mãe e esta ficou comigo. Conservo isto como objeto de estimação, amor. Rezo toda noite o terço. Cada noite rezo uma estação e depois peço a

benção para Nossa Senhora. Ganhei esta imagem de Santo Ignacio de Loyola da namorada do meu neto. Antes, toda vez que eu me machucava eu invocava o nome do santo. Pedi para um amigo, o padre José, a imagem, e ele não achou. Sabe que depois que eu ganhei a imagem nunca mais invoquei santo? A foto que está nos pés da Nossa Senhora é das Bodas de Ouro com a minha mulher. (O., homem, viúvo, 88 anos).

Esse residente passa a maior parte do tempo no quarto. Estava institucionalizado há um ano, afastado das filhas. Ele as culpa por estar ali. Ressalta que a maioria dos moradores tem demências; prefere manter-se recolhido a conviver com os demais. A televisão é sua grande companheira. Chegou a pensar que eu era uma advogada contratada pelas filhas para aproximá-los, e me olhava com desconfiança. Logo depois percebeu que minha presença não o “ameaçava”. Gosta de conversar, e contou detalhes da festa de suas bodas de ouro ao me descrever o criado-mudo.

Foram fotografados 20 criados-mudos. Em um dos quartos duplos percebi um criado-mudo vazio. Perguntei a quem pertencia o móvel, e identifiquei que era de um sujeito com demência. Estava diante de um vazio, o sujeito não estava mais presente. “O sujeito desaparece começando pelo plano mais superficial e indo para o plano mais profundo” (Goldfarb, 2004, p.212). A cena foi constatada em outros espaços institucionais.



Alguns profissionais justificaram o vazio dizendo que os idosos demenciados não percebem a utilidade do criado-mudo, ou que seguram os objetos de modo inadequado. Praticamente nenhuma família tem a preocupação de deixar nesse criado-mudo alguma fotografia ou um objeto de reconhecimento para o sujeito que demência. Goldfarb (2004) comenta que o demenciado se isola em um mundo só seu, distante da sua cultura e do seu tempo.

O olhar e a escuta sensíveis desvendam os sujeitos que ali estão, suas histórias e escolhas. Graeff (2009, p.18) assinala:

[...] tornou-se possível perceber os esforços de habitação presentes em cada ‘cantinho’: as preferências e exclusões de objetos, as formas de ordenação, a disposição do criado-mudo e da cadeira, as fontes de luz, os espelhos, os livros e jornais abertos; enfim, as harmonias e discrepâncias próprias da função de habitar. Evidentemente, essas pequenas coleções de objetos, roupas e utensílios representavam o universo singular de seus donos [...] Objetos socialmente relevantes, quando

secretamente organizados, servem como âncoras da memória e da identidade.

A prática do AT com idosos nas ILPIs pode ser considerada um dispositivo clínico, e ação preventiva nestes espaços. Goldfarb (2006, p.83) ressalta que o Acompanhante Terapêutico:

[...] procura estabelecer vínculo de confiança, favorecendo a elaboração dos conflitos na totalidade vivida pelo sujeito, participando de seu entorno afetivo, revelando os obstáculos para a cura, descobrindo potencialidades criativas, construindo, enfim, projeto de felicidade possível junto ao sujeito acompanhado.

Referências

ALONSO, Silvia Leonor. A escuta psicanalítica. Revista Percurso. São Paulo, vol. 1, p.20-24, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro. Zahar Editor, 2005.

BRASIL, Bettina; SOUZA, Sonia. Influência da institucionalização na vida de idosas. In: O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Lefèvre, Fernando, Caxias do Sul, RS, 2003.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice. Edusp. São Paulo, 1999.

FALEIROS, Vicente de Paula; MORANO, Thereza. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. Revista Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 8, n.2 p. 319-338. jul/dez 2009.

GRAEFF, Lucas. Instituições Totais e a questão asilar. Estudos Interdisciplinares do envelhecimento. Porto Alegre, vol II, p. 9-27. jul/dez 2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HEREDIA, Vânia Beatriz; Cortelletti, Ivonne; Casara, Miriam Bonho (Org.); Institucionalização do idoso: identidade e realidade, In: Idoso asilado, um estudo gerontológico. Edipucrs, Porto Alegre, R.G.Sul, 2004.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Editora Perspectiva, 2005.

GOLDFARB, Delia Catullo. Velhices fragilizadas: espaços e ações preventivas. In: Velhices: reflexões contemporâneas. São Paulo, SESC: PUC, 2006.

_____. Demências. São Paulo, Casa do Psicólogo. 2004.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Imagem, cotidiano e memória: entre as artes de viver, conhecer e formar. In: Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação. Cultura acadêmica, São Paulo, 2010.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: Teves, N.(Org.) Imaginário social e educação. Rio de Janeiro. Gryphus/Faculdade de Educação da URRJ, 1992.

Data de recebimento: 25/01/2013; Data de aceite: 06/03/2013.

Rita Duarte do Amaral - Pedagoga, especialista em Gerontologia, pesquisadora do GEM - Grupo de Estudos da Memória/ NEPE - Núcleo de Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Associada fundadora do OLHE (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento). Atendimento em Instituições de Longa Permanência para Idosos, desenvolvendo atividades de TEC (Terapia de Estimulação Cognitiva), dança sênior, passeios culturais em São Paulo. Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva. Email: rita@oficinamemoriaviva.com.br